

**ARTIGO ORIGINAL**

## **AUTOMEDICAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA: Análise dos Fatores de Risco, Conhecimento e Comportamentos de Saúde em Adultos e Idosos**

Beatriz Soares Ribeiro Vilaça<sup>1</sup>, Suzely Adas Saliba Moimaz<sup>2</sup>,  
Fernando Yamamoto Chiba<sup>3</sup>, Cléa Adas Saliba Garbin<sup>4</sup>, Tânia Adas Saliba<sup>5</sup>

**Destaques:**

- (1) A automedicação é prevalente em indivíduos com nível de escolaridade alto.
- (2) A aquisição de antibiótico sem prescrição ainda é uma prática.
- (3) A falta de conhecimento sobre as classes medicamentosas leva ao uso inadequado.

**RESUMO**

O objetivo neste estudo foi analisar o letramento em saúde de adultos e idosos sobre a automedicação, bem como avaliar a prática e suas complicações clínicas. Trata-se de um estudo descritivo, transversal, quantitativo, realizado na atenção primária à saúde no Brasil. Para coleta dos dados foi utilizado um instrumento estruturado composto por 41 questões. Com auxílio dos softwares Biostart 5.0 e Epi info 7.2.5.0 foi realizada a estatística descritiva e análise bivariada dos dados ( $p < 0,05$ ). Dos 241 usuários entrevistados, 89% disseram que tomam medicamento por conta própria. Quando questionados sobre a prática e as complicações clínicas da automedicação, 86% não tinham conhecimento. Nos últimos 15 dias, 83% haviam se medicado sem a prescrição do profissional de saúde. A variável dependente (sabe o que significa automedicação e suas consequências para a saúde) teve associação estatisticamente significativa com a escolaridade ( $p < 0,001$ ), renda familiar ( $p < 0,007$ ), profissão ( $p < 0,001$ ), local de residência ( $p < 0,013$ ) e estoque domiciliar ( $p < 0,011$ ). Conclui-se que a prática da automedicação foi realizada por mais da metade dos entrevistados, destacando-se que indivíduos com nível de escolaridade maior, residentes da zona urbana, que ocupavam cargos públicos tiveram o hábito de se medicar por conta própria de forma mais acentuada.

**PALAVRAS-CHAVE: AUTOMEDICAÇÃO; MEDICAMENTOS SEM PRESCRIÇÃO; PREPARAÇÕES FARMACÊUTICAS.**

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho – Unesp. Araçatuba/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4218-8796>

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho – Unesp. Araçatuba/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4949-529X>

<sup>3</sup> Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho – Unesp. Araçatuba/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4406-405X>

<sup>4</sup> Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho – Unesp. Araçatuba/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5069-8812>

<sup>5</sup> Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho – Unesp. Araçatuba/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1327-2913>

## INTRODUÇÃO

Durante o período da pandemia da Covid-19 o mundo sofreu diversos impactos nas áreas de educação, economia e principalmente na saúde. Essa crise global forçou a população a mudar e se adaptar às novas necessidades impostas pela situação. Na área da saúde a prática do autocuidado foi altamente prevalente, visto que o cenário dificultava o acesso aos cuidados básicos de saúde<sup>1-3</sup>.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o termo autocuidado é definido como a capacidade de indivíduos, famílias e comunidade de promover e manter a sua própria saúde, além de prevenir e saber lidar com doenças e deficiências com ou sem o apoio de um profissional de saúde<sup>4</sup>. O autocuidado com as condições de saúde se perfaz, também, mediante o uso de fármacos prescritos ou não para tratar e aliviar a sintomatologia dolorosa das doenças autodiagnosticadas, desde que sejam utilizados de forma consciente e limitada, podendo assim contribuir para a saúde geral do paciente<sup>4,5</sup>.

A automedicação é entendida como o uso por conta própria de medicamentos, ervas ou remédios caseiros para tratar sintomatologia autoidentificada, englobando a compra de medicamentos de venda livre; medicamentos somente prescritos ou a reutilização de estoques de prescrições anteriores por orientação de quaisquer pessoas, exceto os profissionais de saúde habilitados à prescrição<sup>1,2,3,6</sup>.

Sabe-se que a automedicação constitui uma prática universal e é evidente que seu uso de forma consciente e limitada é aceitável para solucionar problemas de menor gravidade, tendo como vantagem o alívio rápido da sintomatologia, como também na economia de custos e tempo dos serviços de saúde, uma vez que os medicamentos têm uma parcela representativa nos orçamentos públicos. Para que essa prática seja benéfica para população é importante que esta conheça sobre o Letramento Funcional em Saúde (LFS), no que se refere à capacidade de compreender, avaliar e aplicar informações de saúde necessárias para tomar decisões apropriadas relacionadas à medicação, promovendo o autocuidado e a prevenção de doenças para, assim, manter ou melhorar a qualidade de vida<sup>7,8,9</sup>.

Nesse sentido, promover a alfabetização em saúde tornou-se um papel fundamental, pois permite ampliar o conhecimento na adesão medicamentosa, capacitando as pessoas a fazerem escolhas conscientes e fundamentadas em relação aos seus tratamentos<sup>10-13</sup>.

A automedicação é vista como um problema de saúde pública global em razão do uso de forma indiscriminada, sem conhecimento prévio do medicamento, podendo ocasionar possíveis interações medicamentosas, quadro de polifarmácia, além de risco de dependência e abuso<sup>1-3</sup>.

Além disso, outros efeitos adversos podem ser vistos com a prática da automedicação, tais como: o atraso e até um falso diagnóstico, visto que não possui avaliação do profissional especializado; mascaramento de doenças; respostas desfavoráveis ao medicamento; dependência; resistência e até quadros de intoxicação medicamentosa com registros de óbito. Desse modo, tais implicações sistêmicas, além de afetarem diretamente o indivíduo acabam afetando o serviço público, com imposição de custos extras e superlotação de leitos médicos devido ao consumo massivo e abusivo dessas drogas<sup>6,13-15</sup>.

Neste contexto, o uso de medicamento sem a receita médica ou odontológica é um grave problema de saúde pública. Tal fato corrobora para intervenções mais tardias que impactam diretamente no resultado final do tratamento, deixando de ser uma resolução simples e tornando-se cada vez mais complexa, podendo ainda em alguns casos não ter resolutividade no sistema público<sup>3,16</sup>.

Mediante o exposto, o objetivo deste estudo foi caracterizar a prática de automedicação na população adulta e idosa, bem como investigar os fatores de risco e os comportamentos de saúde individuais associados ao consumo de medicamentos sem prescrição. Além disso, buscou-se analisar o conhecimento em saúde dos usuários em relação à automedicação.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, realizado no Serviço Público de Saúde nas unidades de atendimento à atenção primária em uma cidade do interior do Estado da Bahia, localizada a 623 quilômetros da capital, com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 de 13.936 habitantes.

Para obtenção de uma amostra representativa, realizou-se o cálculo e o universo amostral foi composto por 241 usuários vinculados às Unidades Básicas de Saúde (UBSs). Foram incluídos usuários acima de 18 anos, de ambos os sexos, que estavam presentes nas unidades de saúde durante o período da coleta, março a junho de 2023. Usuários com deficiência visual, auditiva e aqueles que não estavam vinculados às Unidades Básicas de Saúde do município foram excluídos do estudo.

Um questionário estruturado exclusivamente para o estudo, composto por 41 questões, divididas em blocos com abordagens relacionadas às condições sociodemográficas, situação de saúde e por questões alusivas à automedicação, foi aplicado aos entrevistados de forma individual na sala de espera das unidades de saúde. Face a face os usuários responderam ao questionário, previamente testado pela entrevistadora, após leitura e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As variáveis dependentes sobre o tema do estudo foram: o conhecimento sobre a automedicação e suas complicações com o uso de fármaco sem receita médica/odontológica e o saber diferenciar as classes medicamentosas dos anti-inflamatórios e antibióticos. Quanto à mensuração da prática da automedicação, as variáveis abordadas foram: utilização de medicamentos por conta própria, uso e aquisição de antibióticos sem a prescrição, leitura da bula antes de se medicar, presença de estoque domiciliar, automedicação realizada nos últimos 15 dias. As opções de resposta a essas questões, lidas aos participantes, eram: sim ou não. As variáveis independentes englobaram fatores sociodemográficos, relacionados à saúde e justificativas para o uso de medicamentos sem prescrição.

Após a coleta de dados estes foram organizados em planilhas do *software* Microsoft Excel® 2016 apresentados em tabelas e analisados sob a forma de estatística descritiva. Posteriormente utilizou-se os testes Qui-Quadrado de Person e o Teste G por meio dos *softwares* Bioestart 5.0 e Epi info 7.2.5.0 mediante uma análise bivariada para verificar associação existente entre as variáveis categóricas do estudo, adotando-se um nível de significância de 5%. As análises bivariadas que apresentaram  $p < 0,05$  foram incluídas no modelo de regressão logística múltipla, com estimativa de Odds Ratio (OR), acompanhadas dos intervalos de confiança de 95%.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número CAAE 67120222.9.0000.5420, realizada em conformidade aos preceitos éticos exigidos pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, consoante a Declaração de Helsinque.

## RESULTADOS

Como demonstrado na Tabela 1, 181 (75%) pertenciam ao sexo feminino e 60 (25%) ao sexo masculino, com faixa etária entre 18 e 35 anos 126 (52%) e 36 a 69 anos 115 (48%), com a média de idade 37,15 anos  $\pm$  12,27. A cor da pele mais recorrente foi a parda 142 (59%), moradia a casa própria 199 (83%), o estado civil casado(a) 139 (58%) e o local de residência, a zona rural 124 (51%). O nível educacional mais registrado foi o de Ensino Médio completo e o Ensino Fundamental incompleto, representados respectivamente por 44% e 31%. Quanto à profissão 80 (33%) indivíduos trabalhavam em regime celetista, enquanto 74 (31%) pertenciam à classe dos desempregados.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos usuários das Unidades Básicas de Saúde. Bahia, Brasil, 2023

Características sociodemográficas		
	n	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	181	75
Masculino	60	25
<b>Faixa etária</b>		
18 a 27	60	25
28 a 37	70	29
38 a 47	46	19
48 a 59	40	17
60+	25	10
<b>Raça</b>		
Amarela	17	7
Branca	61	25
Indígena	1	0
Parda	142	59
Preta	20	8
<b>Moradia</b>		
Própria	199	83
Alugada	29	12
Financiada	2	1
Cedida	11	5
<b>Estado civil</b>		
Amasiado(a)	24	10
Casado(a)	139	58
Divorciado(a)	7	3
Solteiro(a)	70	29
Viúvo(a)	1	0
<b>Profissão</b>		
Aposentado(a)	24	10
Autônomo(a)	50	21
Desempregado(a)	74	31
Estudante	13	5
Servidor(a) celetista	80	33
<b>Escolaridade</b>		
Fundamental incompleto	74	31
Fundamental completo	34	14
Médio completo	105	44
Superior completo	28	12

<b>Renda familiar (<i>per capita</i>)</b>		
Até 500	54	22
Até 1.500	92	38
Até 2.500	27	11
Mais de 2.500	21	9
Não sabe/não quis informar	47	20
<b>Local de residência</b>		
Urbano	117	49
Rural	124	51
<b>Total</b>	<b>241</b>	<b>100</b>

Fonte: Os autores.

Com relação à situação de saúde dos entrevistados, 174 (72%) relataram que não estão em tratamento odontológico, 94 (39%) relataram que em algum momento da vida já havia feito o uso de medicamentos para dor de dente. Quando questionados sobre apresentarem algum tipo de doença, a hipertensão, enxaqueca e as alergias foram as mais relatadas, respectivamente: 27%, 21% e 18%. Dos 27% que disseram que estavam em tratamento médico com especialista, as especialidades mais recorrentes foram: cardiologista 16 (24%), endocrinologista 11 (17%) e ortopedista 10 (15%).

De acordo com a Tabela 2, a variável que abordava o significado de saber o que é automedicação e suas complicações clínicas teve associação estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) com a escolaridade ( $p < 0,005$ ), renda familiar ( $p < 0,0012$ ), profissão ( $p < 0,001$ ) e local de residência ( $p < 0,0131$ ). Observou-se que os indivíduos que possuem Ensino Médio completo (62%) eram servidores celetistas (50%) e residem na zona urbana (58%), têm mais conhecimento sobre o termo automedicação, bem como as implicações que tal prática pode acarretar.

Tabela 2 – Distribuição da frequência e análise bivariada dos dados sociodemográficos com a variável dependente (automedicação e as suas complicações clínicas). Bahia, Brasil 2023

Variáveis	Sim		Não		p-valor
	n	%	n	%	
<b>Escolaridade</b>					
Fundamental incompleto	16	21	58	35	0,005
Fundamental completo	10	13	24	15	
Médio completo	47	62	58	35	
Superior completo	3	4	25	15	
Total	76	100	165	100	
<b>Renda familiar (<i>per capita</i>)</b>					
Até 500	19	17	35	27	0,0012
Até 1.500	44	40	48	36	
Até 2.500	15	14	12	9	
Mais de 2.500	18	17	3	2	
Não sabe/não quis informar	13	12	34	26	
Total	109	100	132	100	

<b>Profissão</b>					
Aposentado(a)	1	1	23	17	
Autônomo(a)	22	20	28	21	
Desempregado(a)	29	27	45	34	
Servidor(a) celetista	54	50	26	20	0,001
Estudante	3	3	10	8	
Total	109	100	132	100	
<b>Local de residência</b>					
Urbano	63	58	54	41	
Rural	46	42	78	59	0,0131
Total	109	100	132	100	

Fonte: Os autores.

As variáveis escolaridade, renda familiar, profissão e local de residência foram incluídas no modelo de regressão logística múltipla. Conforme descrito na Tabela 3, a variável que permaneceu apresentando associação significativa foi a escolaridade, os indivíduos que possuíam Ensino Médio completo (62%) tinham 2.1628 (OR= 2.1628 ; IC= 95% 1.47 a 3.19) mais chances de considerar que sabiam o significado da automedicação e suas complicações clínicas com a prática em relação aos outros níveis de escolaridade.

Tabela 3 – Regressão logística multivariada das associações entre a variável sabe o que significa automedicação e suas complicações clínicas e as características sociodemográficas. Bahia, Brasil, 2023

Variáveis	Regressão Logística		
	p-valor	Odds ratio	IC 95%
<b>Escolaridade</b>			
Fundamental incompleto			
Fundamental completo			
Médio completo	0,001	2.1628	1.47 a 3.19
Superior completo			
<b>Renda familiar (Per capita)</b>			
Até 500			
Até 1.500			
Até 2.500	0,904	1.0272	0.66 a 1.59
Mais de 2.500			
<b>Profissão</b>			
Aposentado(a)			
Autônomo(a)			
Desempregado(a)	0,148	1.2882	0.91 a 1.82
Servidor(a) celetista			
Estudante			
<b>Local de residência</b>			
Urbano			
Rural	0,296	1.4347	0.73 a 2.83

Fonte: Os autores.

Quando questionados se sabiam a diferença entre antibiótico e anti-inflamatório, apenas 67 (28%) disseram que sabiam. Além disso, 123 (51%) dos indivíduos disseram que já haviam tomado antibiótico por conta própria e 107 (44%) já compraram sem a receita médica ou odontológica. Tal variável, sabe a diferença entre antibiótico e anti-inflamatório, associou-se significativamente com o nível de escolaridade ( $p < 0,004$ ), profissão ( $p < 0,001$ ) e local de residência ( $p < 0,021$ ). Não houve associação entre saber a diferença de antibiótico e anti-inflamatório com quem já tomou antibiótico por conta própria ( $p < 0,084$ ).

De acordo com as atitudes relacionadas com a prática e o conhecimento sobre automedicação, 215 (89%) dos entrevistados disseram que tomam medicamento por conta própria e 138 (57%) fazem a leitura da bula antes de se medicar, entretanto quando questionado para os entrevistados que fazem uso de medicação por conta própria sobre o significado do termo automedicação, 113 (86%) disseram que não sabiam o significado. O uso de medicamento por conta própria associou-se com a faixa etária ( $p < 0,011$ ), escolaridade ( $p < 0,008$ ) e local de residência ( $p < 0,003$ ). Notou-se que quanto maior o nível de escolaridade, mais a prática da automedicação é recorrente (46%), bem como ter residência na zona urbana (51%) e faixa etária entre 28 e 37 anos (29%).

Apesar de não haver associação estatisticamente significativa entre o sexo e o uso de medicamentos sem prescrição, vale ressaltar o grande hábito do sexo feminino quanto à prática da automedicação em relação ao sexo masculino (26%). Observou-se, no estudo em questão, que 74% das mulheres fazem uso de medicamentos por conta própria.

De acordo com a Tabela 4, o uso de medicamento por conta própria teve associação estatisticamente significativa com o conhecimento próprio sobre a medicação ( $p < 0,0008$ ), com a classe medicamentosa dos analgésicos 176 (82%) sendo a mais utilizada ( $p < 0,0001$ ). Verificou-se, também, associação entre a influência para se medicar ( $p < 0,0256$ ) e a prática de recomendar medicação para outra pessoa ( $p < 0,0001$ ). Os entrevistados que se automedicam não acreditam que os familiares 160 (74%) e os farmacêuticos 167 (78%) têm influência na prática. Além disso, 81% dos indivíduos que disseram utilizar medicamentos por conta própria alegam ter estoque domiciliar de fármacos ( $p < 0,0001$ ).

Tabela 4 – Distribuição da frequência e análise bivariada dos fatores que levam à prática da automedicação com a variável dependente (uso de medicamento por conta própria). Bahia, Brasil 2023

Variáveis	Uso de medicamentos por conta própria				p-valor
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
<b>O que justifica o uso?</b>					
<b>Conhecimento próprio</b>					
Sim	121	56	5	19	0,0008
Não	94	44	21	81	
Total	215	100	26	100	
<b>Demora do atendimento</b>					
Sim	69	31	11	42	0,4098
Não	146	68	15	58	
Total	215	100	26	100	
<b>Propaganda de internet/TV</b>					
Sim	51	24	4	15	0,4782
Não	164	76	22	85	
Total	215	100	26	100	

### Qual medicamento mais usado?

#### Analgésico

Sim	176	82	0	0	
Não	39	18	26	100	0,0001
Total	215	100	26	100	

#### Anti-inflamatório

Sim	104	48	0	0	
Não	111	52	26	100	0,001
Total	215	100	26	100	

#### Antibiótico

Sim	43	20	0	0	
Não	172	80	26	100	0,024
Total	215	100	26	100	

### Influência para automedicação

#### Familiares

Sim	55	26	1	4	
Não	160	74	25	96	0,0256
Total	215	100	26	100	

#### Farmacêuticos

Sim	48	22	0	0	
Não	167	78	26	100	0,0150
Total	215	100	26	100	

### Recomendou medicamento ?

Sim	98	46	1	4	
Não	117	54	25	96	0,0001
Total	215	100	26	100	

### Existe estoque domiciliar?

Sim	175	81	11	42	
Não	40	19	15	58	0,0001
Total	215	100	26	100	

### Se medicou nos últimos 15 dias?

Sim	126	83	1	1	
Não	25	17	89	99	0,0001
Total	151	100	90	100	

Fonte: Os autores.

## DISCUSSÃO

A automedicação é considerada um problema de saúde pública, pois diversos são os fatores de risco que essa prática pode causar à saúde com o seu uso de forma desenfreada, tais como: resistências e interações medicamentosas, intoxicação, erros do diagnóstico e até mesmo mascaramento de doenças graves. Em âmbito mundial, o Brasil é um dos principais países consumidores de medicamentos, e em razão da sua elevada prevalência, novos estudos são pertinentes para compreender o perfil dos usuários e guiar a gestão dos serviços de saúde para complementar e fomentar políticas sobre os riscos inerentes à prática<sup>17-19</sup>.

No presente estudo foi possível verificar o conhecimento e as atitudes dos 241 usuários entrevistados nas Unidades Básicas de Saúde quanto à automedicação. A prevalência do uso de medicamentos por conta própria foi de 89%. Estes resultados corroboram os estudos de Porto et al.<sup>20</sup> e Amaral et al.<sup>21</sup>, que tiveram, respectivamente, 74% e 82% de prevalência no uso de medicamentos sem prescrição médica/odontológica, podendo assim observar uma linha crescente de tal prática ao avançar dos anos e o quanto torna-se indispensável a conscientização e disparo de informações para a população diante das complicações oriundas do uso indiscriminado de medicação sem orientação e prescrição do profissional de saúde.

Quanto ao sexo, no estudo em questão, o público feminino foi o mais acometido, cerca de 74% relataram que fizeram o uso de medicamento por conta própria, em consonância com estudos de Ferreira et al.<sup>19</sup> e Pinto et al.<sup>22</sup>, que também registraram maior prevalência. Os resultados destas pesquisas podem ser justificados devido ao fato de as mulheres possuírem um perfil de autocuidado maior que os homens, buscando consultar-se mais nas unidades de saúde, o que explica a alta frequência de entrevistadas no presente estudo, bem como tendo uma percepção mais acentuada das doenças e conseqüentemente uma maior predisposição para se automedicar. Além disso, fisiologicamente, o sexo feminino é mais acometido por processos dolorosos, como em episódios da dismenorreia<sup>23,24</sup>.

A automedicação também esteve relacionada com as faixas etárias do estudo, com os usuários mais prevalentes à prática estando entre 36 e 69 anos (51%). Esse resultado pode ser atribuído aos tipos de problemas de saúde que acometem os indivíduos, envolvendo as doenças agudas autolimitadas, comuns a todas as idades, além das doenças crônicas que acometem pessoas com idades mais avançadas e por conseqüência que fazem o uso de medicamentos sem prescrição médica/odontológica mais corriqueiramente<sup>21,25</sup>.

Arruda et al.<sup>26</sup>, juntamente com Santos, Andrade e Bohomol<sup>27</sup>, asseguram que diversos são os motivos pelos quais os indivíduos recorrem à prática da automedicação, com a dor constituindo uma das principais razões e o principal objetivo é a tentativa de alívio imediato. No estudo em questão, 21% dos entrevistados relataram apresentar crise de enxaqueca e ter feito o uso de medicação de venda livre para controle do quadro, o que também é justificado pelos autores citados anteriormente, devido ao fácil acesso dos produtos nas farmácias.

Entre as classes medicamentosas, os analgésicos são os fármacos mais utilizados. No estudo em questão, 82% fazem uso e os consideram o medicamento de primeira escolha. Devido ao quadro de dor ter alta prevalência na população geral, desencadeada muitas vezes por tensão, situações estressantes ou exigência física, a prática da automedicação com essa classe medicamentosa é justificada e um olhar atento para a interferência na qualidade de vida das pessoas passa a ser evidenciado<sup>23,28</sup>.

Apesar de muitas pessoas tomarem medicamentos sem receita, devido ao fato de serem considerados de venda livre, é fundamental não menosprezar os potenciais efeitos adversos e suas toxicidades. Tantos os analgésicos, como também os anti-inflamatórios, segunda classe medicamentosa mais utilizada na pesquisa e em concordância com os demais estudos, carregam implicações clínicas que merecem ser destacadas, tais como: distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas e efeitos renais<sup>23,28</sup>.

O exercício da automedicação está profundamente associado a vários meios, com os principais fatores sendo as questões socioculturais, econômicas e a disposição dos serviços de saúde na vida desses indivíduos<sup>17,29</sup>, induzido, ainda, pelos fatores subjacentes, sendo a experiência já adquirida com o medicamento anteriormente usado o fator mais preponderante.

Neste estudo foi possível observar que os fatores citados têm influência direta para a prática da automedicação, constatando-se que os indivíduos que possuem nível de escolaridade alto, trabalham

em regime celetista e conseqüentemente têm renda familiar estruturada e residência na zona urbana possuem mais conhecimento sobre o termo automedicação e suas implicações. Assim como é demonstrado por Shafie et al.<sup>5</sup>; Ferreira et al.<sup>19</sup> e Hajj et al.<sup>30</sup>, quanto maior o nível de escolaridade, renda familiar e residentes nos centros urbanos, esses são mais propícios a se automedicar, devido à confiança no seu próprio conhecimento e nas vivências do dia a dia.

É importante, no entanto, indagar o quão prejudicial é a prática da automedicação, tendo um nível de escolaridade alto e conseqüentemente conhecimento e maturidade sobre as implicações que tal ato pode gerar na vida, como o autodiagnóstico incorreto, interações medicamentosas perigosas, mascaramento de uma doença grave, além de dependência e abuso do fármaco<sup>5</sup>. Uma vez que, partindo do princípio de que quanto maior é o poder de conhecimento das implicações de determinada situação, menor é a chance de praticá-las, é questionável o porquê de quem detém as informações estar praticando.

Foi possível notar na pesquisa uma discordância relevante nas respostas do questionário, a qual merece ser destacada que 86% dos indivíduos que afirmaram fazer uso de medicamento por conta própria, disseram, também, não saber o significado do termo automedicação e suas implicações, o que faz pensar que o conhecimento e a atitude da automedicação caminham em sentidos opostos.

Outro fator que merece ser destacado, conforme os achados deste estudo, é o não saber diferenciar as classes medicamentosas dos anti-inflamatórios e antibióticos, e mesmo assim ter uma alta frequência do uso dos antibióticos por conta própria (51%), e até mesmo a obtenção do fármaco sem a receita médica e ou odontológica (44%), uma vez que ela é considerada de uso obrigatório para dispensação do medicamento<sup>18,20</sup>. Esse achado está em consonância com o estudo de Al-Taie, Hussein e Zahraa<sup>31</sup>, no qual apontam uma alta porcentagem dos participantes (45,8%) com relatos de uso de antibiótico sem prescrição médica/odontológica, com 35% sendo adquiridos em farmácias sem o receituário.

É esperado que o conhecimento diante de determinada situação molde as atitudes do indivíduo. O aumento da automedicação com antibióticos tem se associado diretamente com falhas no conhecimento sobre os riscos do uso inadequado desse medicamento, com a resistência bacteriana sendo o principal risco. Desse modo, é crucial a disseminação de informação para que possa gerar conhecimento sobre o uso apropriado de antibióticos e sua aquisição apenas com o receituário e orientação do profissional de saúde<sup>30,31</sup>.

Como bem elucidado por Ferreira et al.<sup>19</sup> e Gama e Secoli<sup>32</sup>, as localidades de pequeno porte, nas quais as fiscalizações dos órgãos responsáveis não são feitas minuciosamente e as relações interpessoais estão mais presentes, muito medicamentos são dispensados sem a necessidade da receita, como no caso do antibiótico. Isso vai ao encontro do resultado do estudo, no qual cerca de 44% alegaram ter comprado antibiótico sem a prescrição médica e ou odontológica nas farmácias.

De acordo com os estudos realizados recentemente, os principais fatores propulsores da automedicação estão ligados à dificuldade de acesso e demora no atendimento no serviço público de saúde especializado devido às grandes filas para consultas, e em alguns casos no serviço privado, apesar dos avanços alcançados. Além desses aspectos, o uso de prescrições antigas, bem como a existência de medicamentos armazenados em casa, as crenças medicamentosas, além das orientações oriundas de amigos, familiares, até mesmo funcionários de farmácias, são fatores que justificam a prática da automedicação<sup>20,33-35</sup>.

Em concordância com o contexto anterior, outro aspecto que contribui para essa prática e está arraigada com o cenário da sociedade moderna é o alto fluxo de informações veiculadas pelos meios de comunicação. A publicidade dos fármacos, vista em propagandas de TV e nas redes sociais impactam de forma significativa o aumento do índice de pessoas que se automedicam, devido à busca

por maneiras de se tratar de forma rápida e com garantia de melhorias. Como asseguram Costa Junior, Oliveira e Amorim<sup>34</sup>, a prática da automedicação é ainda mais vista em indivíduos com alto poder aquisitivo, os quais recorrem às soluções imediatas para suas doenças, a fim de não comprometer suas atividades diárias.

Postas as evidências, nota-se que muito além de um hábito farmacológico, a automedicação está atrelada aos hábitos sociais, devido ao fato de se evidenciar a partir dos comportamentos sociais<sup>25,34,35</sup>. Desse modo, as iniciativas que poderiam ser adotadas para diminuir o uso de fármacos por conta própria, seria o favorecimento de um maior e mais facilitado acesso a serviços de saúde, mantendo-se os benefícios do uso de medicamentos sob menor risco, além das restrições às propagandas de medicamentos para evitar a divulgação de informações não contidas em bula ou sem evidências científicas, bem como numerosas campanhas de conscientização na atenção primária à saúde, em relação aos riscos e ao uso racional de medicamento<sup>36</sup>.

Menciona-se como limitação deste estudo sua estrutura transversal, com possibilidade de viés de causalidade para algumas variáveis. Além disso, o viés de memória e de informação pode ser uma outra possibilidade vista na pesquisa devido ao fato de os entrevistados terem sido abordados na sala de recepção das Unidades Básicas de Saúde com o uso de um questionário não validado, podendo subestimar ou superestimar alguns dados.

## CONCLUSÃO

O uso de medicamentos sem prescrição médica é uma prática comum, mas potencialmente perigosa, podendo resultar em complicações clínicas graves, como reações alérgicas, distúrbios gastrointestinais, efeitos renais, resistência a antibióticos e agravamento de condições de saúde preexistentes. Muitos recorrem à automedicação para alívio rápido de sintomas, sem considerar os efeitos colaterais ou interações medicamentosas, como referido no presente estudo. Ademais, conclui-se que a prática da automedicação foi realizada por mais da metade dos entrevistados, destacando-se que indivíduos com nível de conhecimento maior têm o hábito de se medicar por conta própria de forma mais acentuada em comparação àqueles com nível de escolaridade baixa. Observou-se, também, a elevada prática da automedicação pelo sexo feminino e por aqueles que possuíam estoque domiciliar de fármacos. Ainda foi possível observar que mais da metade dos entrevistados não tinha conhecimento sobre automedicação e suas implicações clínicas, além de não saberem diferenciar as classes medicamentosas dos antibióticos e anti-inflamatórios e mesmo assim um expressivo número de participantes conseguiam comprar antibióticos sem a receita médica/odontológica nas farmácias.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> Chaudhry B, Azhar S, Jamshed S, Ahmed J, Khan LU, Saeed Z, Madléna M, Gajdács M, Rasheed A. Factors associated with self-medication during the covid-19 pandemic: a cross-sectional study in Pakistan. *Trop Med Infect Dis*. 2022;7(11):330. DOI: <https://doi.org/10.3390/tropicalmed7110330>
- <sup>2</sup> Kazemioula G, Golestani S, Alavi SMA, Taheri F, Gheshlagh RG, Lotfalizadeh MH. Prevalence of self-medication during Covid-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis. *Front Public Health*. 2022;10:1041695. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.1041695>
- <sup>3</sup> Sen Tunc E, Aksoy E, Arslan HN, Kaya Z. Evaluation of parents' knowledge, attitudes, and practices regarding self-medication for their children's dental problems during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional survey. *BMC Oral Health*. 2021;21(1):98. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12903-021-01466-7>
- <sup>4</sup> Camargo JCS, Albuquerque RS, Osawa RH, Correa EECS, Lavieri EC, Néné M, Grande MCLR. Demandas de autocuidado no parto na água: estudo qualitativo. *Acta Paul Enferm*. 2023;36:eAPE02601. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO026011>

- <sup>5</sup> Shafie M, Eyasu M, Muzeyin K, Worku Y, Martín-Aragón S. Prevalence and determinants of self-medication practice among selected households in Addis Abeba community. *PLoS One*. 2018;13(3):e0194122. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0194122>
- <sup>6</sup> Lozano EJO, Pinzón YDL, Solano SIP. Oral health self-medication in Muiscas, Yanakunas and Pijaos indigenous populations of Colombia. *Cienc Saúde Coletiva*. 2021;26(suppl 3):5251-5260. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.34702019>
- <sup>7</sup> Krajnović D, Ubavić S, Bogavac-Stanojević N. Pharmacotherapy literacy of parents in the rural and urban areas of serbia-are there any differences? *Medicina (Kaunas)*. 2019;55(9):590. DOI: <https://doi.org/10.3390/medicina55090590>
- <sup>8</sup> Lima MFG, Vasconcelos EMR, Borba AKOT. Instruments used to evaluate functional health literacy in elderly persons with chronic kidney disease: Integrative review. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2019;22(3):e180198. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.180198>
- <sup>9</sup> McCulley C, Katz P, Trupin L, Yelin EH, Barton JL. Association of medication beliefs, self-efficacy, and adherence in a diverse cohort of adults with rheumatoid arthritis. *J Rheumatol*. 2018;45(12):1636-1642. DOI: <https://doi.org/10.3899/jrheum.171339>
- <sup>10</sup> Gönderen Çakmak HS, Uncu D. Relationship between health literacy and medication adherence of turkish cancer patients receiving oral chemotherapy. *Asia Pac J Oncol Nurs*. 2020;7(4):365-369. DOI: [https://doi.org/10.4103/apjon.apjon\\_30\\_20](https://doi.org/10.4103/apjon.apjon_30_20)
- <sup>11</sup> Marcum ZA, Vasan S, Tom S, Hart L, Wang Y, Shadyab AH, LaCroix AZ, Gray SL. Self-reported barriers to medication use in older women: findings from the Women's Health Initiative. *J Am Pharm Assoc*. 2019;59(6):842-847. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.japh.2019.07.003>
- <sup>12</sup> Saleem J, Ishaq M, Butt MS, Zakar R, Malik U, Iqbal M, Fischer F. Oral health perceptions and practices of caregivers at children's religious schools and foster care centers: a qualitative exploratory study in Lahore, Pakistan. *BMC Oral Health*. 2022;22(1):641. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12903-022-02687-0>
- <sup>13</sup> Shiyanbola OO, Unni E, Huang YM, Lanier C. The association of health literacy with illness perceptions, medication beliefs, and medication adherence among individuals with type 2 diabetes. *Res Social Adm Pharm*. 2018;14(9):824-830. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sapharm.2017.12.005>
- <sup>14</sup> Mandal NK, Rauniyar GP, Rai DS, Panday DR, Kushwaha R, Agrawal SK, Regmee P. Self-medication practice of antibiotics among medical and dental undergraduate students in a medical college in eastern Nepal: a descriptive cross-sectional study. *JNMA J Nepal Med Assoc*. 2020;58(225):328-332. DOI: <https://doi.org/10.31729/jnma.4914>
- <sup>15</sup> Navabi N, Rakhshanifard M, Pourmonajemzadeh S, Samieirad S, Hashemipour MA. Evaluation of self-medication for management of odontogenic pain in iranian patients. *Oral Health Prev Dent*. 2021;19(1):179-188. DOI: <https://doi.org/10.3290/j.ohpd.b1074601>
- <sup>16</sup> AlQahtani HA, Ghiasi FS, Zahiri AN, Rahmani NI, Abdullah N, Al Kawas S. Self-medication for oral health problems among adults attending the University Dental Hospital, Sharjah. *J Taibah Univ Med Sci*. 2019;14(4):370-375. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jtumed.2019.06.006>
- <sup>17</sup> Batista JA, Garbin AJI, Wakayana B, Garbin AJS, Saliba AO Jr, Garbin CAS. Self-medication and public health: a study of risk factors and health-related behavior. *Saúde Pesq*. 2021;14(Supl.1):e-9370. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2021>
- <sup>18</sup> Domingues PH, Galvão TF, Andrade KR, Sá PT, Silva MT, Pereira MG. Prevalence of self-medication in the adult population of Brazil: a systematic review. *Rev Saúde Pública*. 2015;49:36. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0034-8910.2015049005709>
- <sup>19</sup> Ferreira FCG, Luna GG, Izel ICM, Almeida ACG. The impact of the practice of self-medication in Brazil: systematic review. *Braz Appl Sci Rev*. 2021;5:1505-1518. DOI: <https://doi.org/10.34115/basrv5n3-016>
- <sup>20</sup> Porto TNS, BarbosaMDS, Carmo ML, Sousa Neto BP, Magalhães NA, Baldoino LS, Martins VS, Carvalho DP, Araújo RCR, Banks LSB. Self-medication induced by media factors: an approach in the academic environment. *Rev Elet Acervo Saúde*. 2020;(41):e2840. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e2840.2020>
- <sup>21</sup> Amaral O, Veiga N, Nelas P, Coutinho E, Chaves C. Automedicação na comunidade: um problema de saúde pública. *Int J Dev Educ Psychol*. 2019;4:423-434. DOI: <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2019.n1.v4.1603>
- <sup>22</sup> Pinto CD, Oliveira N, Silva RBV, Cerdeira CD, Garcia JAD, Barros GBS. Automedicação entre estudantes de enfermagem em uma universidade privada no sul de Minas Gerais. *Res Soc Dev*. 2021;10(8):e25210817129. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17129>
- <sup>23</sup> Arrais PS, Fernandes ME, Pizzol TD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, Tavares NU, Farias MR, Oliveira MA, Bertoldi AD. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saúde Pública*. 2016;50(suppl 2):13s. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>

- <sup>24</sup> Malik M, Tahir MJ, Jabbar R, Ahmed A, Hussain R. Self-medication during Covid-19 pandemic: challenges and opportunities. *Drugs Ther Perspect*. 2020;36(12):565-567. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s40267-020-00785-z>
- <sup>25</sup> Ramires RO, Lindemann IL, Acrani GO, Glusczak L. Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados. *Semina Ciênc Biol Saúde*. 2022;43(1):75-86. DOI: <https://doi.org/10.5433/1679-0367.2022v43n1p75>
- <sup>26</sup> Arruda KKA, Andrade LB, Silva MCE, Veloso AON. A importância de conhecer os riscos e consequências da automedicação. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/fc215c6e-0876-4d7a-b655-41209479551c>
- <sup>27</sup> Santos ESP, Andrade CM, Bohomol E. Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. *Cogite Enferm*. 2019;24:e61324. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.61324>
- <sup>28</sup> Barros GA, Calonego MAM, Mendes RF, Castro RAM, Faria JFG, Trivellato SA, Cavalcante RS, Fukushima FB, Dias A. Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. *Braz J Anesthesiol*. 2019;69(6):529-536. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bjan.2019.09.005>
- <sup>29</sup> Torres NF, Chibi B, Middleton LE, Solomon VP, Mashamba-Thompson TP. Evidence of factors influencing self-medication with antibiotics in low and middle-income countries: a systematic scoping review. *Public Health*. 2019;168:92-101. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2018.11.018>
- <sup>30</sup> Hajj A, Azzo C, Hallit S, Salameh P, Sacre H, Abdou F, Naaman N, Khabbaz L. Assessment of drug-prescribing perception and practice among dental care providers: a cross-sectional Lebanese study. *Pharm Pract*. 2021;19(1):2234. DOI: <https://doi.org/10.18549/PharmPract.2021.1.2234>
- <sup>31</sup> Al-Taie A, Hussein AN, Albasry Z. A cross-sectional study of patients' practices, knowledge and attitudes of antibiotics among iraqi population. *J Infect Dev Ctries*. 2021;15(12):1845-1853. DOI: <https://doi.org/10.3855/jidc.13066>
- <sup>32</sup> Gama ASM, Secoli SR. Self-medication practices in riverside communities in the Brazilian Amazon Rainforest. *Rev Bras Enferm*. 2020;73(5):e20190432. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0432>
- <sup>33</sup> D'Ávila BSS, Andrade LG. The influence of advertising on self-medication. *Rev Ibero-Am Hum Ciênc Educ*. 2023;9(4):9447-58. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i4.9746>
- <sup>34</sup> Costa VS Jr, Oliveira ALR, Amorim AT. Media-influenced self-medication in Brazil. *Res Soc Dev*. 2022;11(8):e11011830678. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30678>
- <sup>35</sup> Souza IR, Souza JR, Mesquita YL, Almeida ACG, Brito MAM. A propaganda de medicamentos no Brasil e a prática de automedicação: uma revisão bibliográfica. *Braz J Health Rev*. 2021;4(3):10921-10936. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-103>
- <sup>36</sup> Xavier MS, Castro HN, Souza LGD, Oliveira YSL, Tafuri NF, Amâncio NFG. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. *Braz J Health Rev*. 2021;4(1):225-240. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-020>

Submetido em: 7/2/2024

Aceito em: 26/6/2024

Publicado em: 17/3/2025

### Contribuições dos autores

**Beatriz Soares Ribeiro Vilaça:** Conceituação, Curadoria de dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Redação do manuscrito original, Redação – revisão e edição.

**Suzely Adas Saliba Moimaz:** Análise Formal, Metodologia, Supervisão, Redação – revisão e edição.

**Fernando Yamamoto Chiba:** Curadoria de dados, Análise Formal, Metodologia, Supervisão, Redação – revisão e edição

**Cléa Adas Saliba Garbin:** Conceituação, Metodologia, Supervisão, Redação – revisão e edição.

**Tânia Adas Saliba:** Conceituação, Curadoria de dados, Análise Formal, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Redação – revisão e edição.

**Todos os autores aprovaram a versão final do texto.**

**Conflito de interesse:** Não há conflito de interesse.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001 “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Finance Code 001

**Autor correspondente**

Tânia Adas Saliba  
Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – Unesp  
Rua José Bonifácio, 1.193 – Araçatuba/SP, Brasil. CEP: 16015-050  
tania.saliba@unesp.br

**Editora:** Dra. Christiane de Fátima Colet

**Editora-chefe:** Dra. Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz

Este é um artigo de acesso aberto distribuído  
sob os termos da licença Creative Commons.

